

EDITORIAL

Então, o que o senhor faz?
*Bem... eu me ocupo da linguagem de uma
maneira geral, de seu funcionamento, de sua
significação.*
E é preciso de alguém para se ocupar disso?
Pagam-lhe bem para isso? E para que serve?
*É verdade que se a França fosse um Estado
liberal eu estaria desempregado.*

“Cinco pequenas lições de semiótica”
(1985), J.-C. Coquet¹

Em “Cinco pequenas lições de semiótica” (1985), J.-C. Coquet constata que é difícil explicar às pessoas o que fazem exatamente aqueles que fazem semiótica. Fôssemos bombeiros, militares ou romancistas (a escolha dessas atividades por Coquet como exemplos resta ainda por psicanalisar), seria mais fácil explicar o sentido do nosso trabalho. Romancista não seria mau, sonha Coquet. Linguista ou professor de língua? Um novo tipo de linguista? Isso diz algo sobre o que fazemos, mas não tudo. E dizer, por fim, simplesmente, que se é *semioticista*? A resposta é um pouco circular e, como pondera Coquet, pode ser que, depois disso, nos vejamos sem “amigos, nem auditório”.

Neste ano de 2015, trinta anos depois da publicação das divertidas lições de semiótica de Coquet, o semioticista, seja ele, na sua origem, linguista, comunicólogo, filósofo ou

1 Cf. COQUET, Jean-Claude. A busca do sentido: a linguagem em questão. Trad. Dilson Ferreira Cruz. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. p. 30. Grifos nossos.

artista, não mais sofre de grandes dilemas vocacionais e nem a sua atividade é de todo desconhecida. Não é à toa, como temos observado a cada edição dos CASA, que as reflexões que têm por objeto a própria semiótica – sua história, sua eficácia, suas contradições – estão sempre presentes entre as nossas submissões. Crise da semiótica? Reflexividade própria aos estudos discursivos e, em última análise, às ciências humanas? Se a crise é um dos efeitos da maturidade, as reflexões metassemióticas ou histórico-epistemológicas, quando não teórico-metodológicas, atestam que a semiótica, essa dama mais que centenária, cuja idade resta a precisar e que já conheceu sucessivas idades da razão, rejeita a ideia de acabamento definitivo e se compraz de sua madureza instável e provisória.

A contribuição de Eric Landowski, “Le cercle sémiotique de Greimas”, que inicia este número dos CASA, procura colocar em evidência o percurso histórico e epistemológico que a semiótica discursiva perfez desde os primeiros anos de A. J. Greimas na França, defendendo a ideia de que a semiótica, assim como qualquer outra disciplina, não pode ser avaliada pela sua popularidade e que, muito embora tenha sido chamada de “Semiótica da Escola de Paris”, já que seus fundadores se reuniam nas proximidades do Sena, ela sempre se fez – e, sobretudo, se faz – longe do Quartier Latin, por pesquisadores de todas as partes do mundo. Em uma época em que o sentimento de escola desaparece para uns e recrudescer para outros, o artigo de Landowski, que ele mesmo classifica como um “esboço de uma sociossemiótica da aventura ‘greimasiana””, é um convite à autocrítica e à abertura de espírito diante dos fatos de pensamento: mais do que hagiógrafos, a escola de semiótica dita greimasiana precisa de pesquisadores que saibam guardar a visada crítica.

Adotando um ponto de vista estritamente epistemológico-

co, Waldir Bevidas, em “A semiótica tensiva: uma teoria imanente do afeto”, procura demonstrar como a semiótica tensiva de Claude Zilberberg provém de uma linhagem linguística (de F. de Saussure e de L. Hjelmslev) que se assenta sobre o princípio da imanência e dá lugar a uma “epistemologia discursiva”. Na sua reflexão sobre o princípio de imanência, Bevidas assumirá a posição de defesa da autonomia e da suficiência do texto como objeto e nível de análise, ao contrário do que preconizam as ideias mais recentes de J. Fontanille, com que o autor dialoga. Segundo o autor, não sendo a “realidade” parâmetro adequado ou bastante para se estabelecer a natureza do objeto da semiótica, a necessidade de uma teoria imanente do afeto que defina o que é próprio ao texto, no âmbito estrito do texto, se nos impõe e é a uma epistemologia discursiva de tipo tensivo que devemos nos reportar.

Na esteira desses diálogos teóricos tão apaixonados quanto produtivos, temos o texto “Espaço semiótico em diálogos e fronteiras”, de Irene Machado, cujo objetivo é pensar o espaço semiótico como concebido por Iúri Lótman à luz das reflexões de M. Bakhtin. Machado começa seu artigo com uma questão: “O que Iúri Lótman e a semiótica da cultura têm a dizer para os Estudos discursivos?”. Para a autora, Lótman contribui para os estudos discursivos com um modelo dinâmico da cultura que explica a constituição do espaço semiótico e das suas fronteiras, fronteiras essas que são as zonas privilegiadas do diálogo e que nos mostram que é impossível pensar no discurso como um constructo compacto e hegemônico. O espaço, como conceito e como metáfora que ampara o conceito, é tão mais problemático – diverso, multifacetado, heteróclito – quando se trata da fronteira, pois se constitui como o lugar de tradução de relações entre diferentes tipos de discursos, textos e linguagens.

Mas nem só da crítica dos seus modelos de reflexão vive o semioticista. Eis porque, a cada edição, o maior número de submissões é de análises dos mais variados objetos, segundo o ar do tempo.

Os artigos “A estrutura da função poética”, de Marcela Ulhôa Borges Magalhães e João Batista Toledo Prado, e “O discurso citado no texto literário”, de Cleide Inês Wittke, embora tenham em comum o fato de analisarem textos literários, propõem tratamentos diferentes para objetos de pesquisa igualmente distintos.

O artigo de Magalhães e Prado defende, apoiando-se em um histórico do problema na tradição semiótica e na análise de canções brasileiras, um programa semiótico para o tratamento do signo poético, que, partindo da evidência de que o signo poético na canção reclama tratamento de signo linguístico, não ignora o projeto último do cancionista ou poeta, a saber, impregnar semissimbolicamente o seu enunciado, no conteúdo e na expressão, da música das coisas, da “música do mundo”, que rege e desfaz, por sucessivas ilusões referenciais, o arbitrário e o “natural” do signo poético.

Já o artigo de Wittke interessa-se por um fenômeno que se dá essencialmente no plano do conteúdo, mas que também se manifesta na expressão do texto em prosa: o discurso citado, marcado de modo mais ou menos explícito, a depender da distância que o enunciador dele quer tomar. Por meio da análise de três crônicas publicadas no jornal *Zero Hora* e valendo-se das ideias de M. Bakhtin e J. Authier-Revuz, a autora demonstra que a assimilação, por parte do narrador, da citação apropriada de modo constitutivo deixa poucas marcas no enunciado, ao passo que quanto maior é a dissociação entre discurso narrado e citado, mais marcas de explicitação da citação encontraremos no enunciado.

Dedicando-se a uma questão a um só tempo social e estética, no artigo “Memória, nostalgia e publicidade: o caso das camisas retrô de futebol”, Richarles Souza de Carvalho e Maria Marta Furlanetto, segundo a perspectiva da Análise do Discurso francesa, nos apresentam uma original análise dos usos discursivos do “retrô” na publicidade, que explora valores como saudosismo, tradição e genuinidade para construir a relevância de um produto. A partir das camisas retrô de futebol, os autores propõem uma tipologia do retrô (pele, estratégico, mimético e *vintage*) que leva em conta os elementos expressivos, valorativos e mesmo matéricos (o material de que são feitas as camisas) para compreender e colocar em evidência os caprichos do discurso, sob o fundo implacável da historicidade.

Em “Natureza e cultura na fotografia de Tiago Santana”, Tércia Montenegro Lemos analisa quatro obras do renomado fotógrafo brasileiro. Na fotografia de Santana, como nos mostra Lemos, a relação entre humanos e animais no sertão é problematizada de modo constante. O sertanejo de Santana ora se coloca como senhor da cultura e da humanidade, ora se ofusca sob o crivo da natureza e da animalidade. Essa tensão na distribuição dos papéis actoriais e actanciais de humanos e animais é administrada com fineza no âmbito da própria linguagem fotográfica, de um ponto de vista topológico, eidético e cromático.

Neste número dos CASA, trazemos ainda detalhadas resenhas de obras cuja atualidade e relevância dispensam apresentações: *Corpo e estilo* (Contexto, 2015), obra que resultou da tese de livre-docência de Norma Discini, resenhada por Regina Souza Gomes, e *Discurso e (des)igualdade social*, livro organizado por Glaucia Proença Lara e Rita Pacheco Limberti, que traz artigos de renomados especialistas do discurso

em âmbito nacional e internacional, resenhado por Ricardo Gualda.

Assim apresentamos ao leitor mais uma edição dos CASA, obra de epistemólogos, polemistas, analistas, resenhistas, editorialistas... Como diria Asterix sobre os romanos que ameaçavam a Gália: Eles são loucos, esses semioticistas!

Jean Cristtus Portela

Araraquara, julho de 2015